



ANA CAROLINA RASLTON

O MELHOR HOTEL DO PANTANAL

COM QUASE 40 ANOS DE HISTÓRIA LIGADA À PRESERVAÇÃO DA NATUREZA, CAIMAN É O LUGAR DO BRASIL COM A MAIOR CHANCE DE ENCONTRAR ONÇAS

POR DÉCIO GALINA

Você leu aqui na Forbes, em agosto do ano passado, sobre o terrível incêndio que devastou 305 mil hectares do Pantanal (após a explosão de um caminhão atoado na areia) e demorou mais de duas semanas para ser controlado, dizimando a flora e a fauna. O fogo foi tamanho que Caiman – a melhor hospedagem do Pantanal – fechou as portas por dois meses para se dedicar totalmente à regeneração do bioma.

Em um mutirão, guias, funcionários e colaboradores se uniram para realizar o projeto de alimentação da fauna em parceria com o Onçafari, já que no pós-queimada o solo, as árvores e outras fontes de nutrientes dos animais estão prejudicados. Com o aval de biólogos e especialistas, o time preparou e espalhou alimentos em 15 estações distribuídas nos 53 mil hectares da propriedade para que os bichos não morressem de fome. Nesse período, alguns animais machucados no fogo, como o tamanduá Luisinho, a onça Miranda e a anta Valente, passaram por tratamentos com veterinários e já estão soltos vivendo em seu habitat.

Agora, as notícias são excelentes. Mesmo com uma cheia tardia este ano, ela chegou com força e deixou os campos alagados – e ainda mais lindos. O meio do ano marca a entrada em uma das épocas mais especiais, que é a floração das piúvas, quando os ipês pintam o Pantanal de rosa. Na reabertura de Caiman, os hóspedes participaram do plantio de mudas nativas e a construção de manilhas, que são refúgios para a fauna perto de açudes e poços para que os animais tenham um abrigo seguro em situações de incêndio. O hotel segue como o melhor ponto de partida para fazer dois safáris por dia (no alvorecer e entardecer) na maior planície alagável do mundo, com chances altíssimas (esse ano o índice está em 90%) de encontrar onças e fazer avistamentos observando o seu comportamento.

Mas não espere ver “só” onças, afinal, estamos falando de um dos ecossistemas mais ricos do planeta, com cerca de 200 espécies de mamíferos (além das onças, destaque para ariranha, tamanduá-bandeira, cervo-do-pantanal e lobo-guará); 650 de aves (30% das espécies brasileiras, destaque para o tuiuiú – símbolo do Pantanal –, arara-azul, garça-branca e curicaca); 177 de répteis (como jacaré-do-pantanal, suçuri e jiboia); 325 de peixes (destaque para dourado, piranha, pintado, pacu e jaú) e cerca de 40 de anfíbios.

O hotel funciona desde 1987, mas a sua origem remonta a uma fazenda de gado de 1912 – Miranda Estância, de pecuária extensiva, tocada por ingleses no início do século passado, sob domínio da família Klabin desde 1952. Nos anos 1980, as terras foram fatiadas e sorteadas, e o ativista ambiental e empresário Roberto Klabin ficou com 53 mil hectares. A propriedade está a 40 quilômetros (quase todos de terra) de Miranda, que, por sua vez, está a 218 quilômetros de Campo Grande (MS). Tem também pista de pouso para quem preferir chegar em aeronaves de pequeno porte, monomotores e bimotores.

A pousada principal conta com 18 suítes (de 45 a 80 metros quadrados) com varanda, uma piscina, deck com vista para a baía, salas de estar, lareira,



ATUALMENTE,
SÃO SETE
ONÇAS
MONITORADAS
POR UM COLAR;
ESTIMA-SE QUE
CERCA DE 70
CIRCULEM
NA REGIÃO
DE CAIMAN

redário, restaurante (agora com forno de pizza e noites dedicadas a esse prato), nova sauna e academia. A lojinha tem uma curadoria caprichada de artesanatos da região. Duas *villas* privativas atendem famílias e grupos maiores. A Baiazinha tem seis quartos com varanda, carro e guia exclusivos, o que permite uma maior flexibilidade na agenda. Já a *villa* Cordilheira está passando por ampla reforma e deve reabrir com novidades no início de 2026.

Os safáris marcam a rotina em Caiman e são organizados por um projeto que está na propriedade desde 2010: o Onçafari, idealizado por Mario Haberfeld nos moldes dos safáris de observação de leopards na Reserva Sabi Sand (África do Sul), onde os animais foram habituados à presença humana dentro de veículos. Atualmente, são sete onças monitoradas por um colar; estima-se que na região de Caiman circulem cerca de 70 onças. O Onçafari mantém parceria com o projeto Tapirapé, que estuda o comportamento das antas – os avistamentos desses animais aumentaram consideravelmente.

Araras-azuis também têm tratamento especial por aqui. Graças à dedicação da bióloga Neiva Guedes, que, em 1989, encantou-se com 30 araras-azuis em uma árvore e decidiu dedicar a vida a protegê-las. Criou o Instituto Arara Azul e em 2014 conseguiu retirar a espécie da lista daquelas em risco de extinção. Para salvar a espécie, Neiva atacou a caça ilegal e criou técnicas para instalação de ninhos artificiais na natureza, uma vez que as árvores usadas para ninhos estão minando com o desmatamento. Hóspedes de Caiman podem fazer o passeio que acompanha o trabalho dos biólogos do Instituto verificando a situação dos pássaros (e seus bebês) em algumas das centenas de ninhos (entre naturais e artificiais). Cavalgadas, focagem noturna, caminhadas e canoa canadense para apreciar o pôr do sol são outros exemplos de atividades organizadas pelo hotel.

Mais recentemente, o Caiman fechou uma nova parceira em nome da natureza: Instituto Tamanduá, que há 20 anos trabalha em prol da conservação de tamanduá, tatus e preguiças. No momento, estudos estão sendo realizados para a construção de uma base na propriedade. A ideia é que os turistas possam realizar passeios de observação assim como é feito com o Onçafari e o Instituto Arara Azul. Que as notícias de Caiman continuem com esse viés positivo – um suspiro de esperança para em um país que tem a sua natureza castigada de forma tão sistemática.

Villa privativa Baiazinha, inspirada nas fazendas da região: conforto imerso na natureza única do Pantanal



FELIPE CASTELLARI